

CONVERSÃO E RECONCILIAÇÃO

Crônica da VII Semana de Reflexão Teológica

Jesús Hortal, S. J.

De 8 a 11 de outubro teve lugar, em Porto Alegre, a VII Semana de Reflexão Teológica, que desta vez apresentava uma importante novidade: a colaboração entre a Faculdade de Teologia Cristo Rei e o Instituto de Teologia e Ciências Religiosas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. As Semanas nasceram e cresceram à sombra do Cristo Rei. Mas, com o decorrer dos anos, percebíamos que o interesse suscitado exigia cada vez maiores esforços. A uma proposta de colaboração, o Instituto da PUC respondeu rápida e eficazmente. As sessões tiveram lugar, este ano, num dos auditórios da PUC, inaugurando um rodízio entre Porto Alegre e São Leopoldo que esperamos poder continuar em anos sucessivos.

As expectativas mais otimistas foram amplamente superadas. As 220 poltronas do auditório se mostraram absolutamente insuficientes. Apesar das quase 50 cadeiras suplementares, foi necessário rejeitar mais de cem inscrições, por falta absoluta de espaço físico. Não havia dúvida de que o tema e as

conferências atraíam a atenção do grande público.

As nossas reflexões giraram em torno à Conversão e à Reconciliação, ponto central do Ano Santo proclamado por Paulo VI. Vivemos numa sociedade marcada pela divisão e pelas rupturas. A Igreja, a quem, em frase de São Paulo, foi confiado o ministério da reconciliação, pergunta-se qual a sua tarefa perante essa sociedade. Ainda mais, interroga-se pelo que ela pode fazer perante as rupturas que constata no seu próprio seio. Por isso, a nossa semana visou o tema da conversão e reconciliação num plano fundamentalmente social. Não se tratava, portanto, de focalizar o sacramento da penitência, mas de algo muito mais geral. Pretendíamos seguir um caminho ascendente, passando da análise da realidade à reflexão bíblica e teológica, para chegarmos à prática atual. No fim, desejávamos tirar algumas reflexões e conclusões sobre a nossa tomada de posição perante as rupturas sociais. Fomos, talvez, excessivamente ambiciosos nas nossas metas. Analisar a fundo

a sociedade conflitiva em que vivemos e apresentar uma panorâmica completa da reflexão teológica em torno ao nosso tema teria requerido muito mais tempo. Para umas conclusões autênticas, seria necessária também uma discussão bem mais profunda. Não é, pois, de estranhar que os próprios conferencistas começassem por estreitar o tema, focalizando apenas alguns aspectos da problemática apontada.

Assim, o Pe. FERNANDO BASTOS DE ÁVILA, S. J., diretor e professor do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento (IBRADES) do Rio de Janeiro, dentre as muitas tensões existentes no quadro de uma sociedade conflitiva, apresentou-nos unicamente o **conflito das gerações**. Trata-se de um conflito, uma ruptura com características próprias no mundo de hoje: desceu até o nível mais profundo dos valores. Com o seu modo de falar fácil e suavemente carregado de humorismo, Pe. Ávila mostrou-nos, inicialmente, a fenomenologia desse conflito, com duas hipóteses possíveis: a teoria gradualista, de avanço lento, mas continuado, da contestação; e a teoria "sísmica", que nos fala de um abalo subterrâneo determinante de um desmoronamento posterior das superestruturas dos padrões de comportamento e das convenções sociais. Como causas do conflito, foi apontada, em primeiro lugar, uma aplicação precipitada à educação de algumas teorias freudianas, especialmente as relativas à formação de complexos e recalques. A educação permissiva, desde os primeiros momentos da vida, teria levado à formação de revoltados cínicos. Mas o conflito também nasceu do fato de as gera-

ções se defrontarem e se moverem em espaços culturais diferentes. A geração adulta formou-se num espaço predominantemente visual, enquanto os jovens de hoje crescem num espaço cultural predominantemente acústico e tátil. Daí que as diversas gerações não conseguem elaborar um código comum de comunicações.

Há, além dessas causas, alguns fatores agravantes do conflito. Pe. Ávila apontava principalmente três: o impacto produzido pela difusão das ideologias da contestação radical, sobretudo de Marcuse e de Monod; a cumplicidade da hipocrisia de uma boa parte da geração adulta; a impostura do **establishment**, com a sua falta de alternativas para um modelo social que se revelou como absolutamente frustrante.

Frente a esse conflito generacional, o conferencista via três alternativas possíveis: Em primeiro lugar, a explosiva, que não parece conduzir a uma solução, pois o povo permanece, entre nós, absolutamente alienado e indiferente à pregação revolucionária. Em segundo lugar, encontramos a alternativa recessiva, seguida pelos jovens que se automarginalizam, e cuja expressão mais típica são os **hippies**. Há aqui um aspecto válido, na denúncia de uma sociedade fundada num relacionamento competitivo. Mas é uma resposta falsa a um problema real. A terceira alternativa, enfim, seria a alternativa processiva, que se caracteriza pela superação do conflito e o reencontro das gerações, no diálogo leal e na redescoberta mútua. É a solução que, segundo Ávila, tem as maiores chances, mas também a que exigirá

maiores sacrifícios da geração adulta. Ela deverá mudar a imagem que tem da geração jovem, mas deverá também recuperar, quando perdida, a autoridade moral erodida pela hipocrisia. Mas as sacrifícios valem a pena, porque, queiramos ou não, é entre os jovens que mora a esperança, concluiu o Pe. Ávila.

Também o Pe. BENNO BROD, S. J., professor da Faculdade de Teologia Cristo Rei, procurou inicialmente delimitar o tema das **rupturas no interior da Igreja e dela com o mundo**. Seria interminável descrever, na história e na atualidade, o fenômeno das rupturas eclesiais. Por isso o palestrante pretendeu entrar diretamente na análise dele, a fim de descobrir os pólos geradores dos conflitos. E a primeira constatação foi a necessidade de tomarmos consciência de que toda reconciliação entre os homens é fruto da Cruz, quer dizer, passa pela ruptura suprema da morte de Cristo. Daí que tenhamos que olhar para esse mistério. Contra qualquer salvacionismo evasista, Cristo veio salvar o mundo fazendo-se "mundo": assumindo as histórias dos homens, fazendo-se "carne". Fez desta história lugar e "kairós" de salvação. Assumindo-o, porém, não deixou de ser julgamento e "crise" para o mundo. "Sua vida e mensagem — lembrava-nos Pe. Brod, em frase de François Ac'h — se constituíram numa fratura do mundo. Sua morte, num novo modo de existência e na emergência de uma nova humanidade". Enviado ao mundo, Cristo, por sua vez, enviou a Igreja. Ela sempre se caracterizou como dinamicamente missionária. Mas sua presença foi,

freqüentemente, muito ambígua: se esteve do lado dos oprimidos, não deixou também de estar do lado dos opressores, legitimando situações de opressão e exercendo um ausentismo de denúncia profética. Nos nossos dias, há sinais de frustração e severas críticas, no interior da Igreja, por causa desta "ausência". Embora nos exemplos aduzidos pelo conferencista se possa questionar, pelo menos parcialmente, a sua justeza, não há dúvida que, como ele afirmava, tudo isso constitui um testemunho das rupturas e conflitos na Igreja. Poderíamos falar de classes e lutas dentro dela. Mas, diante desse quadro, como ser uma Igreja presente no mundo? — como reconciliar-se com ele? Se, durante muito tempo, afirmava Pe. Brod, a Igreja se apresentou diante do mundo como dominadora, imperialista e possuidora da chave das soluções, falando ao mundo de fora e de cima, ela deve agora reconciliar-se como o mundo: deixá-lo ser mundo; viver e salvar a história do mundo; participar com a humanidade da busca humilde de soluções. A unidade entre o sagrado e o profano poderia ser uma das lições que, neste sentido, deveríamos recolher da religiosidade popular.

Olhando à procura de uma solução, Pe. Brod lembrava a constatação de Dom Aloísio Lorscheider, no seu relatório perante o Sínodo dos bispos: somos uma Igreja pouco criativa. Continuamos a educar as gerações novas, no meio de uma sociedade competitiva, mantendo as rupturas com "os de dentro e os de fora". No momento atual, a uma espiritualidade do merecer deveríamos opor uma mística do gra-

tuito, porque só uma Igreja pobre, que tem consciência do receber, se reconcilia, por cima das diferenças, em Cristo.

O Pe. JOHAN KONINGS, professor do Instituto de Teologia da PUC de Porto Alegre, encarregado de apresentar a **Revelação bíblica em face das rupturas sociais**, mostrou, inicialmente, como a Bíblia não traz "receitas" para as rupturas sociais na sociedade atual. E, contudo, a Teologia bíblica tem também uma palavra para nós. Porque teologia bíblica é um assistir ao acontecimento da palavra de Deus na Bíblia, penetrando no espírito do ambiente e do próprio acontecimento. Tendo assistido a esse acontecimento, o homem pode, com uma mentalidade renovada, considerar os problemas de seu tempo, analisando-os segundo as categorias atuais. Daí que, como afirmava o conferencista, para fazer a experiência de Israel seja necessário colocar-se na sensibilidade de Israel: povo de Deus (do Santo, povo da Aliança). Daí também que seja necessário experimentar a graça (amizade) e a justiça salvadora de Deus; mas também a infidelidade própria, quer dizer, o pecado. A fidelidade à Aliança "salva", torna "íntegro"; o pecado, inclusive o pecado social, desintegra e clama por reconciliação. A reconciliação é, na perspectiva do Antigo Testamento, restauração da Aliança com o único Senhor.

No Novo Testamento, nos dizia Konings, a identificação do amor fraterno com a fidelidade a Javé, no "duplo mandamento único", transforma a teocracia veterotestamentária num humanismo teocêntrico. Mais radicalmente que antes,

a ruptura entre os homens aparece como ruptura com Deus. Mais radicalmente também, a presença de Deus significa a única e verdadeira superação das rupturas: a reconciliação como realidade escatológica.

"Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a constroem". Esta parece ser, para Konings, a conclusão da auscultação da palavra de Deus. A reconciliação seria, então, uma questão de compreensão da nossa esperança. Esperaremos que Deus construa a casa, ou deveremos dizer que tal esperança é alienada, procurando, então, reapropriá-la, mediante uma interpretação imanentista da escatologia e do próprio Deus? Para quem tem fé, a resposta não é difícil. Como concluía o conferencista: "A comunidade cristã, considerada no Novo Testamento sob a luz da escatologia iminente, é o lugar próprio onde se realiza esta superação realmente transcendente, que dará um outro tom às nossas "superações imanentes", na praxe "mundana" da dialética histórico-material".

A **reflexão teológica** tem um amplo campo na perspectiva da conversão e reconciliação. Frei LEONARDO BOFF, O.F.M., professor do Instituto de Teologia de Petrópolis, RJ, em lugar de dar-nos uma panorâmica histórica dessa problemática ou de analisar a missão da Igreja em face do mundo, preferiu, de novo, o enfoque intraclesial. O título que ele mesmo deu à sua palestra — "Incapacidade da Igreja-instituição de se converter?" — está já a indicar o seu caráter crítico em face das instituições eclesiais. Para Boff, a Igreja-instituição não conseguiu su-

perar a prova do poder, com a qual se enfrentou a partir de Constantino. Desde então, teria encetado uma trajetória de poder, cujo ocaso nos seria agora dado contemplar. O conferencista insistiu nos conhecidos textos do **Dictatus Papae** e das condenações decimonônicas do liberalismo. Apresentou também, entre outras, as contradições na interpretação da violência revolucionária, segundo ela for considerada "justa" ou "injusta". Perante esse panorama, Boff clamava não a um reformismo da Igreja, mas a uma ação criativa, a uma reconstrução. Assumindo uma frase de Congar, "tal reconstrução só pode ser feita validamente a partir de uma revisão muito corajosa da história das instituições, estruturas e formas, e de uma refontalização muito pura". Mas essa reconstrução não significa partir do ponto zero. Todo cristão — nos dizia Boff — deve assumir o passado da Igreja, que não pode ser desconhecido nem recalcado. A refontalização almejada pelo conferencista compreenderia, em primeiro lugar, uma atenção para o projeto fundamental de Jesus: libertação e liberdade, não mediante o poder-dominação, mas mediante o poder do amor. Daí surge a crítica a todo "poder-dominação". O modo como deve ser exercida a autoridade na Igreja é o modo jesuânico, diaconal, cheio de respeito como entre irmãos e não como entre senhor e súdito. Assim a Igreja seria símbolo de verdadeira libertação e liberdade.

Para Boff, uma Igreja nova estaria surgindo, não separada, mas "gestada no coração da velha". Daí o que ele chama de "eclesio-gê-

nese", que estaria em andamento na periferia, porque só aí haveria possibilidade de verdadeira criatividade e liberdade face ao poder. Esse surgimento de nova vida seria comparável à concepção de Sara, que de estéril se tornou fecunda. O conferencista não o afirmou claramente, mas pareceu colocar as chances de conversão da Igreja-instituição na aceitação dessa "Igreja nova".

A reflexão teológica deveria ser aprofundada pelo Pe. JUAN LUIS SEGUNDO, S. J., ex-diretor e membro do Centro Pedro Fabro, de Montevidéu, **na perspectiva da moderna teologia da libertação**. Começou, porém, por discordar do título, achando que a expressão "teologia da libertação" deveria ser o mesmo que simplesmente "teologia". Daí que a tarefa que ele se impôs foi a de uma releitura bíblica do tema da reconciliação, com uma referência explícita à atual problemática latino-americana. A primeira constatação feita foi a de considerar a reconciliação como um bem escatológico, donde brota o problema da sua continuidade com a história. Pe. Segundo focalizou exclusivamente as grandes Cartas Paulinas — Coríntios e Romanos —, onde a reconciliação é sempre algo acontecido no passado, mas dado no **agora**, graças a um fato histórico, que aconteceu em Cristo. Daí o seu relacionamento com outros bens escatológicos e o seu enquadramento na nova criação, em Cristo. Daí também o caráter simultâneo de passado e de futuro próprio da reconciliação, assim como dos outros bens escatológicos. Por isso, às concepções que pretendem uma ruptura entre história e escatologia

— teorias da escatologia iminente ou da idéia do escatológico como obra unicamente de Deus — Segundo contrapunha a convergência de causalidades entre a ação histórica e a plenitude escatológica. É esta, aliás, uma característica da teologia latino-americana atual. Todos os bens escatológicos têm um duplo caráter: são escatológicos — donde a sua tendência para a inversão de valores —, mas são bens — donde a sua tendência para a continuidade. Essa dupla tendência é ilustrada, na opinião do conferencista, pela dupla versão das bem-aventuranças, de Lucas e de Mateus, respectivamente.

Dáí se derivam duas conseqüências: Em primeiro lugar, ver a necessidade de optar por aqueles que são favorecidos pelo plano de Deus, seguindo, portanto, a linha da ruptura. Mas, por outro, de acordo com a linha da continuidade, captar mais concreta e poderosamente os bens escatológicos na sua dimensão de possível realização desde o agora e aqui. Essas mesmas conseqüências foram aplicadas pelo Pe. Segundo à paz e à recapitulação, bem como às suas mediações. Na sua opinião, o escatológico e a sua mediação histórica mantêm uma relação claramente dialética.

Perante o panorama atual da América Latina, o chamado à reconciliação do Ano Santo deveria consistir em "fazer tão evidente o irreconciliável de certas posições com a mensagem evangélica que a conversão apareça como o único caminho para uma efetiva reconciliação". Em contraste com essa meta, Segundo apontava para documentos episcopais uruguaios e chilenos que, pelo menos na ambi-

güidade das suas expressões, estariam chamando a reconciliações superficiais que não passam pela conversão dos opressores. O conflito radical que o Evangelho estabelece — terminava o conferencista — deve ser um chamado universal e poderoso à conversão dos homens e dos povos.

Após as constatações da realidade feitas no primeiro dia, e após as reflexões bíblicas e teológicas do segundo e do começo do terceiro, devíamos analisar a **prática reconciliadora da Igreja católica**. Foi esse o tema desenvolvido por Frei OLÍRIO PLÍNIO COLOMBO, O.F.M., professor no Instituto de Teologia da PUC de Porto Alegre e na Faculdade de Teologia Cristo Rei. Começou ele por caracterizar a conversão como retorno à casa paterna, ao Evangelho. Esse retorno iria ao re-encontro da pobreza material, do desamparo, da coragem do profetismo. A Igreja deveria tornar a ser pobre para ser livre. Essa conversão deveria levar-nos à reconciliação interna, tentando viver a verdade no pluralismo das idéias, nas possibilidades oferecidas a todos, nas tarefas confiadas a todos.

Na América Latina, a função reconciliadora da Igreja deveria levar-nos, na opinião de Frei Colombo, a uma libertação das estruturas colonizadoras, valorizando aspectos positivos da religiosidade popular, desenvolvendo uma reflexão teológica própria, apoiando atitudes e atividades originais. Dáí que a reconciliação no nosso meio — no interior da nossa Igreja — deva passar por uma revisão da pregação, que teria que voltar-se para os problemas concretos. Teria

que passar por uma revisão de certas atitudes na moral, na educação da fé, no diálogo com os outros. A nossa reconciliação deveria ser um sinal da presença de Deus.

Três dias e meio de reuniões e reflexão, com a participação de quase trezentas pessoas, com as suas limitações de tempo e mesmo de espaço físico para as reuniões de grupo, não podiam nem pretendiam conduzir a uma série de conclusões de assembléia. Houve debates em grupos e discussões em plenário, insuficientes, porém, para tirar uma linha clara de pensamento dos participantes da Semana. Aliás, dada a heterogeneidade dos semanistas, provavelmente essa linha não era possível: seria um feixe de linhas divergentes. Pensando nessa limitação, os organizadores da Semana não previram uma sessão de "conclusões" propriamente ditas. Querendo, porém, dar a possibilidade de uma visão de conjunto e de um repensamento dos dados aportados nos dias anteriores, a manhã do quarto dia esteve reservada a um painel, onde quatro professores (dois do Instituto de Teologia da PUC e dois da Faculdade Cristo Rei) focalizaram, sob ângulos de visão diferentes as palestras dos seis conferencistas anteriores.

O Pe. CLAUDIO L. BINS, S. J., escolheu a **perspectiva da Antropologia teológica**. As "rupturas" apontadas pelos conferencistas da Semana — dizia-nos Bins — pressupõem um conceito de liberdade e de libertação. A liberdade, porém, é sempre uma liberdade situada no dinamismo do próprio ser. Daí a necessidade de situá-la e de situarmos-nos em face dos critérios, dos

valores humano-cristãos e das vivências-testemunho de uma vida cristã. Pode acontecer que essa situação necessária seja falsamente percebida como poder dominador, entre outros motivos, por uma compreensão errada da liberdade. Por outro lado — lembrava o painalista —, em íntima conexão com a liberdade humana, está hoje a tão espalhada mentalidade da auto-salvação. Mas, pela fé, sabemos que a salvação-realização do homem e da sociedade humana é dom gratuito de Deus. Evidencia-se aqui a importância da vivência e consciência da "gratuidade" em nossas vidas, especialmente da gratuidade da salvação. O terceiro conceito antropológico lembrado por Pe. Bins foi o da dignidade da pessoa humana, que ele contrapunha à possibilidade, afirmada por um dos conferencistas, de "passar por cima de homens" para obter os próprios fins. O último ponto para o qual ele chamou a atenção foi o do conceito de realização humana, hoje deturpado pela ótica da produtividade-eficiência-rendimento-funcionalidade. Frente a isso, urge libertar o homem da quase absolutização da sua atividade. "O sentido da vida humana já agora, incoativamente, é, em Cristo e por Cristo, a convivência, a união dos homens entre si e com Deus".

Pe. ERNESTO GOETH focalizou a **Semana sob o ponto de vista sociológico**, sintetizando-a em quatro palavras: síntese, tensão, violência e opção. Num mundo complexo, marcado por desequilíbrio, mudanças e transformações, o homem se sente perplexo, porque procura a solução a partir de ideologias que separam e não a partir dos proble-

mas comuns que podem despertar o homem solidário. Perante o conflito generacional que o Pe. Ávila nos apresentava, a primeira tarefa que se deriva para nós é, na opinião de Goeth, criar condições para que cada um encontre a sua síntese, já que teses e antíteses são dados que favorecem instalação e radicalizações, não permitindo conversão, auto-superação, integração e reconciliação. Também em face das tensões que se manifestam na história, o que interessa não é o radicalismo das contestações, mas a radicalidade da vivência. Também aqui não podemos partir das ideologias que se opõem e opõem os homens, mas dos problemas comuns concretos, que aproximam, que exigem conversão e reconciliação, solidariedade e senso de corresponsabilidade. Em relação à violência — de que várias vezes se tratou ao longo da semana — deveria tratar-se, na opinião do painellista, da violência do amor, vivido em radicalidade e em comunidade, na doação sem medida. O quarto conceito sociológico analisado, em relação à Semana, foi o da opção, exigida sobretudo por três forças ambientais: aceleração, novidade e diversidade. Através delas perceber-se-ia a força evangélica do amor que exige simplicidade, disponibilidade, doação plena e flexibilidade para a re-opção, re-conversão, reconciliação.

Pe. JESUS HORTAL, S. J., desenvolveu, nas suas reflexões o **aspecto eclesiológico**. A sua primeira constatação foi a da existência do conflito generacional no interior da Igreja, mas também a de uma solidariedade intrageneracional que tende a superar as divisões confis-

sionais. O problema da pedagogia permissiva — que o Pe. Ávila apontara na sua palestra — é também constatável no campo eclesial. Em geral, todos os conflitos sociais encontram o seu reflexo na Igreja. Mas isso é uma conseqüência do seu próprio ser: simultaneamente divino e humano. Segundo o painellista, a tensão é algo necessário no seio da Igreja, com o seu duplo aspecto, histórico e escatológico. Pretender suprimir, neste mundo, os extremos geradores das tensões seria tanto como apropriar-se a escatologia. Função do cristão e da Igreja é integrar essas tensões na própria vida, sem contudo pactuar com a ruptura que delas brota. O pecado e a degradação da Igreja se teriam dado no momento em que ela optou, empregando a violência para suprimir definitiva e absolutamente um dos extremos da dialética. A superação das tensões se dá — na história e na escatologia, embora em diversos graus — na síntese dos contrários em Cristo. Daí que a nossa tarefa para o futuro consista em constatar as rupturas, porque só assim nos converteremos, mas sem tratar de suprimir fisicamente nenhum dos dois extremos do conflito. “O desafio que todos nós enfrentamos, no momento presente, é uma tarefa de criatividade, de imaginação; uma tarefa consistente em buscar soluções positivas, em caminhar, em vivê-las no nosso meio, em lançá-las ao ar... em vivermos a conversão e a reconciliação, a fim de que também outros as possam viver”.

Finalmente, o Pe. URBANO ZILLES focalizou o **aspecto metodológico e criteriológico da Semana**. A maior dificuldade que se levanta contra

o método empregado durante a semana é a impossibilidade de um método puramente indutivo. Pretendeu-se partir da experiência, mas na própria seleção dos dados da experiência há já uma teoria, com o seu aspecto subjetivo e ideológico. Daí que a apresentação feita da realidade não possa ser considerada como a única válida. Em segundo lugar, há uma dificuldade de linguagem: de redução da teologia ao plano sociológico, antropológico, histórico. . . ; ou de sujeição das outras ciências à teologia. Há também a dificuldade da falta de uma linguagem comum e a do emprego de categorias lingüísticas não cristãs. Talvez, pensava Pe. Zilles, seja necessário libertar a análise sociológica subjacente à "teologia da libertação" da ideologia marxista.

O segundo impasse que, segundo o painelista, se manifestou durante a Semana foi a da falta de clareza para determinar o critério teológico apto a renovar ou "libertar" a Igreja na América Latina. E isso porque hoje acentuamos o aspecto social, descuidando, talvez, o aspecto individual da fé, da salvação, da conversão. Também o aspecto de crítica, de estar a caminho. A fé é questionadora e trans-

formadora, mas está situada numa tradição. Até o próprio contestador e revolucionário está inserido nela, porque dela recebe a idéia de justiça e de liberdade.

Finalmente, em relação à reconciliação, Zilles nos dizia que ela só acontecerá realmente se a Igreja não inverter simplesmente os termos do problema, mas se distanciar para ganhar uma posição mais crítica em relação à realidade global. Por isso, não poderemos concentrar-nos apenas na denúncia, negligenciando o anúncio. A nossa tarefa é, também e principalmente, positiva.

A VII Semana de Reflexão Teológica foi, no seu conjunto, um ponto de encontro de tendências e pensamentos. Houve tensões e constatação de divergências, mas houve também algo muito claro: Todos estamos à procura de uma vivência mais pura e mais radical da mensagem cristã na Igreja. Ninguém é conclamado a sair. Pelo contrário, a conversão deverá dar-se, para cada um de nós, no seio da própria Igreja. A reconciliação é uma meta que, na sua plenitude, fica distante, mas que todos nós almejamos e que já desponta no horizonte.